



IV CBEO

Congresso Brasileiro de
Estudos Organizacionais

19 a 21 de Outubro de 2016
Escola de Administração UFRGS - Porto Alegre, RS

www.sbeo.org.br/sbeo/iv-cbeo/



SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO DE EVENTOS, CURSOS E MESAS TEMÁTICAS.....	3
MINICURSOS.....	4
História Oral enquanto Metodologia de Pesquisa e sua Contribuição aos Estudos Organizacionais	4
Revisão por pares: a avaliação de manuscritos e a organização da publicação científica	6
MESAS TEMÁTICAS	9
Editoração e Publicação em Periódicos em Estudos Organizacionais	9
Popularização do Conhecimento.....	10
Cinema e Estudos Organizacionais em Debate	11
História, Memória e Estudos Organizacionais.....	11
Cidade(s) e Estudos Organizacionais: até onde chegamos e o que há por vir (debate, ato e pesar).....	13
Habitus, antes que método, de um pesquisador 'político'	16
Antropologia e Etnografia nos Estudos Organizacionais.....	21



PROGRAMAÇÃO DE EVENTOS, CURSOS E MESAS TEMÁTICAS

19/10/2016

Noite

Local: Centro Cultural CEEE – Érico Veríssimo

19h – 20h – Cerimônia de Abertura

20h – 21h30 – Cevada de Palavra com Demétrio Xavier

21h30 – 23h – Coquetel de Abertura

20/10/2016

Manhã

8h30 – 10h30 – Minicursos e Mesas Temáticas

10h30 – 10h50 – Coffee Break

10h50 – 12h30 – Mesas Temáticas

Noite

18h30 – 20h – Assembleia da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais

21h – Festa de Confraternização do Evento por Adesão

21/10/2016

Tarde

18h – 18h30 - Cerimônia de encerramento do IV CBEO

MINICURSOS

História Oral enquanto Metodologia de Pesquisa e sua Contribuição aos Estudos Organizacionais

Sala Marcelo Milano Falcão Vieira

Dia 20/10 – das 8h30 às 10h30

O uso da História Oral enquanto metodologia de pesquisa tem se expandido nos estudos organizacionais, especialmente no Brasil. Os relatos orais, os depoimentos, as entrevistas são caminhos para a investigação através das experiências, das memórias, dos testemunhos – oculares ou não – e das transmissões de saberes que, embora possuam sua subjetividade, não devem fugir do rigor científico quando utilizadas de maneira criteriosa a partir de técnicas que auxiliam no processo de audição, gravação, transcrição e análise. Assim, oferece-se a oportunidade de analisar, debater e refletir sobre o conceito de História Oral enquanto método, técnica e fonte; descrever e discutir seus tipos (temática, de vida, narrativa) e suas aplicabilidades; (re)pensar como trilhar o caminho para uma metodologia coesa e participativa no desenvolvimento da pesquisa científica, em que o autor não seja apenas um mero ouvinte, mas um pesquisador que saiba visualizar, questionar, interpretar até mesmo as ausências de palavras nos fenômenos organizacionais.

A contribuição da História Oral nas pesquisas tem proporcionado o contato com a memória, que, por meio da linguagem como instrumento socializador, ajuda a compreender as experiências que estão além dos documentos oficiais e dos dados quantitativos. Isso propicia a ampliação do campo de atuação da História Oral e das possibilidades de análise e interpretação. Por outro lado, transforma o registro oral num novo documento a ser consultado, discutido e reavaliado por outros pesquisadores, uma vez que, ao serem transcritos, os relatos, os depoimentos e as entrevistas tornam-se também uma fonte.

Este minicurso busca oferecer uma oportunidade de apresentar, discutir e exercitar a História Oral junto aos participantes, entendendo-a como uma possibilidade plural de investigação em estudos organizacionais, frente à complexidade dos fenômenos que envolvem as pessoas e suas interações. Tais interações são capazes de produzir histórias e memórias que se



apresentam como dados ricos para a compreensão da dinâmica das organizações. Portanto, trabalhar com História Oral oferece alternativas para as pesquisas qualitativas que buscam sua fonte de dados em entrevistas como encontros formais e com abordagem restrita.

O minicurso será dividido em dois momentos: o primeiro corresponde à apresentação e discussão dos conceitos e aplicabilidades da História Oral no contexto dos estudos organizacionais, e será ministrado por Luana Bispo; o segundo corresponde à realização de exercícios, seguida de um debate sobre como acessar o campo e analisar os dados resultantes da História Oral, e será ministrado por Marcelo Bispo.

Objetivos

- ✓ Apresentar o conceito de História Oral e suas tipologias
- ✓ Refletir a História Oral enquanto método, técnica e fonte
- ✓ Expor as formas de acesso ao campo e análise das histórias e memórias em estudos organizacionais

Sobre os instrutores:

Luana Maria Cavalcanti Bispo – Bacharela e Mestre em História pela UFPB. Interesses de pesquisa: História e Memória, Educação Patrimonial.

Marcelo de Souza Bispo – Pós-doutor em Teoria Social Aplicada à Educação pela University of Kentucky; Doutor em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Professor do Departamento de Administração da UFPB. Interesses de pesquisa: Teorias da Prática, Pesquisa Qualitativa, Educação em Administração.

Público-Alvo: Estudantes de pós-graduação e pesquisadores da área de estudos organizacionais.



Revisão por pares: a avaliação de manuscritos e a organização da publicação científica

Sala Ariano Suassuna

Dia 20/10 – das 8h30 às 10h30

A publicação científica é considerada como um dos elementos de central relevância no ofício acadêmico, e a divulgação de trabalhos ao público é parte constituinte do processo de construção de conhecimentos. A avaliação por pares consolidou-se como parte integrante da organização da publicação científica ao longo do século XX, na qual há a requisição de apreciação do mérito acadêmico e da qualidade do material submetido por um ou mais profissionais do campo de atuação.

Considerando a importância da revisão por pares, **propõe-se a organização de um minicurso voltado para a apresentação e discussão de elementos basilares da revisão por pares no contexto acadêmico contemporâneo.** Apesar da importância do processo de revisão por pares, essa atividade tende a ser muito mais assimilada com base em avaliações recebidas (via pareceres) ao longo de submissões de trabalhos do que um elemento formativo que faz parte, por exemplo, de atividades dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

O minicurso tratará, por um lado, de elementos práticos da realização de revisões de manuscritos, tendo como base a apresentação e discussão de procedimentos recomendados em artigos e manuais de boas práticas na área (e.g., ANPAD, 2010; LEPAK, 2009) e em relatos pessoais de acadêmicos (e.g., ROMANELLI, 1996). O parecer é a forma usual de interação entre avaliador(es) e autor(es), devendo ter elementos que fundamentem a avaliação do material encaminhado. Também será ressaltada as distinções entre as formas de revisão por pares, que podem ser no formato *single-blind* (apenas os revisores ficam anônimos), *double-blind* (autores e revisores permanecem anônimos) e aberto (autores e revisores têm suas identidades conhecidas).

Por outro lado, o minicurso não pretende se limitar a uma dimensão eminentemente prática: também tratará de questões contextuais, partido da premissa da necessidade de compreensão do processo de organização da publicação científica para compreender a própria prática da



revisão. Para tanto, também fornecerá informações para editores sobre os códigos de conduta que atualmente estão sob discussão (e.g., KLEINERT; WAGNER, 2014), bem como da estruturação mais usual dos processos de avaliação vigentes (tanto em periódicos como de eventos acadêmicos). Serão abordados alguns dos debates éticos atuais no campo científico que podem ser relacionados com a revisão por pares, tais como dados falsos (dados “fabricados”), autoplágio, periódicos predatórios, dentre outros. Resultados de pesquisas específicos sobre revisão por pares (e.g., MULLIGAN; HALL; RAPHAEL, 2013) também serão explorados para esclarecer as limitações desse tipo de concepção de processo avaliativo.

O minicurso terá um formato expositivo-dialogado, e os participantes serão incentivados a estabelecer conexões entre sua realidade e o conteúdo da sessão. A avaliação por pares é parte do ofício acadêmico e é uma atividade desempenhada por todos aqueles que atuam no campo científico. Ao final do minicurso, espera-se que haja uma reflexão tanto de aspectos práticos quanto do contexto da organização da publicação científica, permitindo que os participantes se sensibilizem a respeito da importância e dos limites da revisão por pares na academia.

Referências:

ANPAD. **Boas Práticas da Publicação Científica**: um manual para autores, revisores, editores e integrantes de Corpos Editoriais. 2010. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/boas_praticas.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.

KLEINERT, S. et al. Publicação responsável de pesquisa: padrões internacionais para editores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 151, p. 207-218, 2014.

LEPAK, D. Editor's comments: what is good reviewing. **Academy of Management Review**, New York, v. 34, n. 3, p. 375-381, 2009.

MULLIGAN, A. et al. Peer review in a changing world: an international study measuring the attitudes of researchers. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, Maryland, v. 64, n. 1, p. 132-161, 2013.

ROMANELLI, Elaine. Becoming a reviewer. In: FROST, P. J.; TAYLOR, M. S. (Org.). **Rhythms of academic life**: personal accounts of careers in academia. Thousand Oaks: Sage, 1996.

Sobre o instrutor:

Takeyoshi Imasato – Doutor em Administração, Professor do Programa de Pós-Graduação em



Administração (PPGA/EA/UFRGS).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4646842973643426>.

Público-Alvo: Embora o principal público-alvo sejam os estudantes de pós-graduação e recém-doutores com pouca ou nenhuma experiência na realização de pareceres de avaliação de manuscritos científicos, o minicurso é aberto ao público em geral, podendo ser do interesse de acadêmicos mais experientes, particularmente aqueles envolvidos no ensino e na pesquisa do tópico dessa atividade.



MESAS TEMÁTICAS

Editoração e Publicação em Periódicos em Estudos Organizacionais

Sala Lima Barreto

Quinta-feira, 20/10, das 08h30 às 10h30

Debate sobre os critérios Qualis Periódicos (atualização set. 2016): o que significam. Entre a busca pelos pontos e a busca pelos critérios. Compartilhando experiências: um debate sobre as boas práticas editoriais. Para além dos pontos: um debate sobre políticas editoriais em EO.

Coordenação: Diogo Helal (FUNDAJ/SBEO) - Doutor em Ciências Humanas, com concentração em Sociologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008), graduado e mestre em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (2001, 2003). Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ/MEC), Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Administração (PPGA/UFPB), Professor da Faculdade Boa Viagem (FBV/DeVry), atuando no Mestrado Profissional em Gestão Empresarial (MPGE) e na graduação.

Debate: Luiz Alex Saraiva (UFMG/SBEO) - Professor Adjunto do Departamento de Ciências Administrativas da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Docente do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Faculdade de Ciências Econômicas, e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, ambos da UFMG. Doutor e Mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Sergipe. Coordenador do Doutorado Interinstitucional UFMG/UFAM (2015-2017).

Popularização do Conhecimento

Sala Alberto Guerreiro Ramos

Quinta-feira, 20/10, das 08h30 às 10h30

Uma das discussões recorrentes na academia atual é a questão do impacto do conhecimento. Ainda que essa discussão não seja necessariamente ligada à iniciativas de popularização e disseminação dos conhecimentos produzidos na academia. Neste sentido, propõe-se discutir de um lado os vieses existentes nas discussões atuais sobre o que é conhecimento de impacto em administração. Por outro lado, a discussão trará exemplos de iniciativas adotadas a fim de tirar o conhecimento acadêmico dos gabinetes.

O professor Amon Barros vai apontar algumas questões sobre a discussão sobre impacto e relevância e como muitas vezes fica de lado aspectos que podem tornar um conhecimento transformador. O professor Francis Meneghetti e o Prof. Demitri Toledo irá explorar as iniciativas que vêm adotando para contribuir para a popularização de conhecimentos produzidos na academia.

Amon Narciso de Barros – Doutor em Administração pelo CEPEAD da UFMG, com estágio doutoral na Lancaster University Management School; Professor Assistente na EAESP da FGV.

Esta participação consiste na abertura, moderação e fechamento da discussão, com avaliação sobre o debate promovido na mesa da perspectiva da SBEO.

Francis Kanashiro Meneghetti – Doutor em Educação (PPGE/UFPR); Professor EBTT da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); Diretor Científico do Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sociais (IBEPES).

Abordará os aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos da história e das construções narrativas que envolvem as organizações totalitárias: Al-Qaeda, Estado Islâmico, Einsatzgruppen, Campos de Extermínio, Esquadrões da Morte do Brasil, Tribunais do Crime e Hospital Colônia de Barbacena.

Dimitri Augusto da Cunha Toledo - Economista pela Universidade Federal de Sao Joao Del Rei, Mestre em administração pelo Cepead/UFMG na área de Estudos Organizacionais e Sociedade.

IV CBEO

Pesquisador do NEOS-UFMG (Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade). Doutorando em administração Cepead-UFMG. Professor da UNIFAL, campus Varginha-MG

Cinema e Estudos Organizacionais em Debate

Sala Multimeios do Cinema Capitólio (R. Demétrio Ribeiro, 1085)

Quinta-feira, 20/10, das 9h às 11h

A Sessão Cinema deste IV CBEO tematizará os anseios e angústias dos indivíduos na sociedade ocidental contemporânea, com a intenção de instigar os participantes à reflexão crítica, esquematizando a organização em suas múltiplas acepções. Para tanto, como forma de homenagem, buscará no escritor português José Saramago – particularmente em seus livros *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *O homem duplicado* (2002) – os elementos que conferem problema e sistematicidade à temática do evento. Ambas as obras ganharam versões cinematográficas com os mesmos títulos originais, e foram dirigidas por Fernando Meirelles (2008) e Denis Villeneuve (2014), respectivamente. A sessão contará com a participação de Eduardo Wannmacher, professor da PUC/RS, produtor e diretor de televisão, vídeo e cinema, e de Regina da Costa da Silveira, professora titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da Uniritter. A coordenação do debate estará sob a responsabilidade de Ariston Azevedo (EA/UFRGS). Recomenda-se que os participantes leiam os livros ou assistam aos filmes antecipadamente.

História, Memória e Estudos Organizacionais

Sala Alberto Guerreiro Ramos

Quinta-feira, 20/10, das 10h50 às 12h30

O objetivo central da mesa-redonda é promover o debate sobre a temática “História, Memória e suas interfaces com os Estudos Organizacionais”. Pela natureza interdisciplinar dos estudos organizacionais, faz-se necessário se aproximar de conhecimentos específicos, como a história



e a arquivologia, para se apropriar das boas práticas da análise de arquivos, de levantamento de dados primários para construção da história e da memória, da utilização de dados secundários e da constituição narrativa especializada. Os estudos e as abordagens históricas têm se tornado cada dia mais relevantes no cenário dos estudos organizacionais brasileiros. É importante ressaltar a necessidade dos pesquisadores em manterem coerência ontológica, epistemológica e metodológica nos estudos da área, visando assegurar o caráter científico dos estudos realizados.

Debatedores e suas contribuições:

Alessandra de Sá Mello da Costa – Doutora em Administração (EBAPE/FGV); Professora Adjunta do Departamento de Administração da PUC-Rio.

Abordará de que maneira ocorre a compreensão do pensamento e das práticas administrativas que têm por objetivo identificar a forma como as organizações contemporâneas materializam estrategicamente o seu passado, problematizando a criação e a gestão dos acervos e arquivos empresariais.

Fábio Vizeu Ferreira – Doutor em Administração (EAESP/FGV); Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Positivo; Professor do Centro Universitário Internacional (UNINTER); Pesquisador Associado do Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estudos Sociais (IBEPES).

Abordará sobre a história do *management*, ressaltando a formação da ciência administrativa no Brasil e suas manifestações concretas e ideológicas. A análise levará em consideração aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos que envolvem a construção histórica do management, assim como elementos éticos e estéticos da temática.

Francis Kanashiro Meneghetti – Doutor em Educação (PPGE/UFPR); Professor EBTT da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); Diretor Científico do Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sociais (IBEPES).

Abordará os aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos da história e das construções narrativas que envolvem as organizações totalitárias: Al-Qaeda, Estado Islâmico,



Einsatzgruppen, Campos de Extermínio, Esquadrões da Morte do Brasil, Tribunais do Crime e Hospital Colônia de Barbacena.

Rafael Alcadipani da Silveira – Mestre em administração pela FGV-EAESP; PhD em Business Administration pela Manchester Business School; Pesquisador Visitante na University of Manchester; Professor Visitante no Gothenburg Research Institute, um dos principais centros de Análise das Organizações na Europa.

Cidade(s) e Estudos Organizacionais: até onde chegamos e o que há por vir (debate, ato e pesar)

Sala Ariano Suassuna

Quinta-feira, 20/10, das 10h50 às 12h30

Esta mesa-redonda propõe uma discussão interdisciplinar e multidisciplinar da Cidade enquanto objeto e campo de desenvolvimento de pesquisas dentro dos Estudos Organizacionais. Para chegarmos a tal discussão, precisamos fazer um resgate da evolução da teoria organizacional e dos estudos na área. A partir da discussão desenvolvida por McKinley (2010), observa-se que o desenvolvimento da teoria das organizações perpassa o que o autor denomina de “*expand and construct*”, ou seja, a expansão dos domínios do conhecimento nos quais a teoria da organização passou a ser pesquisada. Entre uma das suas expansões, emerge a área de Estudos Organizacionais que, no Brasil, como apontado por Faria (2014), apresenta suas primeiras publicações por volta de década de 1950 apresentando no país duas linhas distintas de pesquisa: (i) focada no *management* e no *business*; (ii) focada nas “ciências humanas e sociais”. Caracterizada pela interdisciplinaridade, a área tende a conversar teoricamente com a Psicologia, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Ciência Política, entre outras que possam agregar um conhecimento mais amplo sobre as diversas formas de organização, sejam elas empresariais ou não (FARIA, 2014; THIOLENT, 2014). Em meio às conversações teóricas que os estudos organizacionais realizam, a cidade desponta enquanto objeto de pesquisa por ser no interior desta que se estabelecem as mais diversas práticas organizativas dos sujeitos. Esta mesa-redonda se justifica pensando que dentro da cidade se enxergam



formas de controle e de coordenação, processos de significação e recuperação, e as mais diversas formas de organização social. Tais práticas acabam por tornar a cidade um espaço rico para se estudar as mais diversas organizações. Em busca de um entendimento maior sobre a cidade, emergiram conceitos e discussões. A *organização-cidade* – conceito emergente nos estudos organizacionais a partir dos anos 2000, tendo Mac-Allister (2001) como uma das expoentes– reafirma a possibilidade de se estudar a gestão dos aspectos simbólicos na cidade. E diversos outros estudos desenvolvidos nos últimos anos reafirmam a importância de estudos que levem em consideração processos de intervenção urbana, territorialidade e apropriação do espaço público enquanto uma possibilidade de se entender as dinâmicas sociais e as práticas organizativas, uma vez que é nesses estudos que as manifestações dos sujeitos e grupos sociais são contempladas. Logo, o objetivo desta mesa-redonda é resgatar os estudos pioneiros sobre cidade, sob a ótica dos Estudos Organizacionais, analisar a discussão acadêmica desenvolvida nos últimos anos e refletir sobre as perspectivas teóricas e metodológicas que se abrem a partir das apropriações de outras áreas do conhecimento. Tal proposta ainda se faz relevante ao buscar reunir em torno de toda esta discussão professores com tradição na pesquisa em conflitos e políticas urbanas, como a Professora Deise, o Professor José Ricardo – que tem uma visão marxista de usos e apropriações da cidade e seus espaços –, e a mediação do Professor André, que tem focado seus estudos e produção acadêmica nas dinâmicas sociais e suas representações. A mesa ainda se propõe a desenvolver uma dinâmica de discussão que percorra temáticas como o surgimento da discussão da cidade nos Estudos Organizacionais, as práticas organizativas e as organizações sociais, os processos de participação social nas instâncias decisórias sobre a construção destes espaços, os processos de apropriação e usos da cidade, e o direito à cidade.

Debatedores e suas contribuições:

André Felipe Vieira Colares (In memoriam)

Mestre em Administração

Professor de Administração na Universidade Federal de Ouro Preto

omando como base uma breve contextualização do panorama atual das pesquisas sobre cidade nos Estudos Organizacionais (EOS), o professor buscava incitar discussões sobre de que



maneira a cidade, da forma como é estudada em EOS, é fruto de apropriações teóricas de outras áreas do conhecimento. Também pretendia levantar questões sobre a mudança da ótica gerencialista para a humanista dentro da cidade, focando as práticas organizativas, os indivíduos, os grupos e as relações estabelecidas entres esses agentes em torno dos processos de espetacularização da cidade. Nesta ocasião, o professor José Ricardo e a professora Deise serão responsáveis por abordar e discutir os aspectos propostos pelo professor André Felipe.

Deise Luiza da Silva Ferraz

Doutora em Administração (UFRGS); Professora de Administração na UFMG.

A partir de uma perspectiva marxista, a professora buscará desenvolver a discussão do direito à cidade e cidade para quem? Neste contexto, as discussões elaboradas por Harvey e Lefebvre ganham espaço e tornam-se oportunas. Frente aos processos de venda da cidade – como os créditos para construção, as parcerias público/privadas para intervenção urbanística e a comercialização de áreas específicas para grandes grupos empresariais – a professora buscará discutir os processos de intervenção social, as resistências, a participação popular e os processos como as invasões e ocupações como forma de requerer o direito à cidade por parte da população.

José Ricardo Vargas de Faria

Doutor em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ); Professor Políticas Públicas e Planejamento Urbano na UFPR.

Tendo como referência os conflitos sociais e as contradições da produção capitalista do espaço urbano, o professor desenvolverá a discussão voltada para as formas de protesto e de organização da ação coletiva reivindicatória e seus desdobramentos na articulação entre grupos, organizações e movimentos sociais e governos e as consequências para a formação das políticas urbanas.

Convidados: Luiz Alex Saraiva e José Vitor Palhares

Referências:

FARIA, J. H. Estudos Organizacionais no Brasil: arriscando perspectivas. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 1, n. 1, p. 56-64, jun. 2014.

MAC-ALLISTER, M. S. **Organização-cidade**: uma contribuição para ampliar a abordagem do objeto cidade como objeto de estudo no campo dos estudos organizacionais. 2001. 205 f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

_____. A Cidade no Campo dos Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade (O&S)**, Salvador, v. 11 (edição especial), p. 171-181, 2004.

McKINLEY, W. Chapter I: Introduction. In: _____. **Organizational theory**: a contemporary intellectual history. . Oxford: Oxford University Press, 2010.

THIOLLENT, M. Estudos Organizacionais: Possível Quadro Referencial e Interfaces. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 1, n. 1, p. 17-29, jun. 2014.

Habitus, antes que método, de um pesquisador 'político'

Sala Enrique Dussel

Quinta-feira, 20/10, das 10h50 às 12h30

Apesar de toda a diversidade e fragmentação atual das tradições científicas, ainda é possível dizer que na base dos diversos paradigmas de ciência normal (Kuhn) está a ideia de que é ao **método** que se deve creditar o diferencial e o sucesso desse tipo de conhecimento na sociedade moderna e contemporânea. Em seus albores, a modernidade iluminista imaginou que o método de observação e teste rigorosos da ciência empírica seriam para nós a chave do universo, até então mítico, religioso e indômito. Graças a essa forma de conhecer, entrávamos em uma nova era. Os séculos seguintes, inclusive com a revolução industrial europeia, estenderam progressivamente ao conhecimento do homem e de suas sociedades a exigência daquele método. Só muito paulatinamente, e já em meados do Século XX, a expressão “método científico” passou a aceitar linguagens e práticas diferenciadas, tentativamente mais



adequadas ao “objeto” relações sociais e interioridade humana. De uma forma ou de outra, contudo, as comunidades científicas – agora profissionalizadas – passaram a viver, e ainda vivem, uma hipertrofia do método. A metodologia vai muito além de disciplina propedêutica. O primado do método, no entanto, pode trazer consigo um efeito perverso sobre a cultura acadêmica: focar o processo e, por derivação, valorizar o instrumento em sua operação formal, viabilizando, assim, uma “industrialização” da vida científica – a metodologia transformada em tecnologia autossuficiente.

Assim aparece a primeira motivação desta mesa-redonda, que não deseja, contudo, repisar críticas à corrida produtivista nem à preocupante lacuna – talvez daí originada – de projetos substantivos e socialmente orientados de pesquisa para nossos programas de pós-graduação. Há uma janela por onde se pode olhar fora destas quatro paredes.

A reconhecida obra de Pierre Bourdieu e sua prática científica nos dão oportunidade de reexaminar a questão do método por outro ângulo: o sociológico. Ou, melhor, aquele em que se rompem barreiras entre o sociológico e o epistemológico, atribuindo status de legitimidade epistêmica a uma disposição para agir de forma socialmente característica: o *habitus*. Esse conceito não é uma categoria lógica, pois surge de uma relação social e se mostra sem quaisquer laços de ilação lógica, em um *modus operandi* da prática da pesquisa. Não se nega o método, mas não é este o conceito condutor da teoria bourdieusiana.

Segundo o próprio Bourdieu, suas elaborações teóricas emergiram de desafios que lhe foram apresentados em situações de pesquisa nas quais sentiu a necessidade de ressignificações conceituais (como a do próprio conceito de *habitus*). A indissociabilidade entre teoria e metodologia é uma convicção que reaparece por diversas vezes ao longo dos estudos que conduziu de sua prática do ofício. Muito embora nos Estudos Organizacionais se recorra com frequência aos seus conceitos, para muitos é justamente no seu modo de produção científica onde é possível encontrar seu maior legado – e não na metalinguagem que criou em função dos seus interesses investigativos e estratégicos no campo científico no qual atuava.

O pensamento metodológico de Pierre Bourdieu é o foco teórico desta mesa-redonda. Ele deixa perguntas no ar, desorientando os pesquisadores formados em uma metodologia de fundo epistemológico-positivista. A perplexidade não se elimina recorrendo-se aqui à pergunta



genérica “o que é o método científico?”, que volta um século até as superadas controvérsias sobre a unidade da ciência e sua neutralidade. Perguntar, no entanto, sobre o lugar do método no *habitus* científico adquire novo sentido, direção em que vai o título desta mesa quando enuncia: “*Habitus*, antes que método”.

É ainda intenção desta mesa-redonda explorar teoricamente de que maneira o conceito bourdieusiano de *habitus* poderia inspirar, orientar, justificar e por em bons trilhos a prática de um pesquisador que se sente, enquanto tal, participante de uma *polis*. Esta parece ser uma questão aberta, depois que, por um lado, não prosperaram visões totalitárias da política que conduziam à prioridade do ativismo político na instituição de pesquisa, e, por outro, que foram mal entendidas ou descontextualizadas estratégias de pesquisa como a “pesquisa-ação” e a “pesquisa participante” em que se pretendia viver um engajamento político. É nosso ofício de pesquisadores – ofício que se faz essencialmente, como tradição, retomando sempre a obra de quem nos precedeu – entender com mais profundidade o sentido sociológico do *habitus* do pesquisador, que Bourdieu teve o cuidado de associar a casos que estudou, antes de ensaiar apressadas aplicações normativas (quase comportamentais) do *habitus* a situações mais próximas de nossas vidas. Que a teoria bourdieusiana nos encoraje e nos legitime na busca de uma compreensão política da pesquisa, sim, mas talvez seja preciso primeiro construir tentativamente esta prática. Podem contribuir para isso, no entanto, análises do que sejam as “disposições” que culturalmente predominam em nosso meio e a que estariam vinculadas.

Debatedores e suas contribuições:

Marcio Sá – Doutor em Sociologia pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Braga, Portugal); Professor do CAA-UFPE.

Pierre Bourdieu viveu e pesquisou numa época em que o debate epistemológico teve um de seus momentos altos na França. Naquele contexto, nutriu-se de história e filosofia das ciências francesas (Bachelard, Canguilhem e Koiré, principalmente), bem como de autores como Cassirer, para fundar e desenvolver uma corrente denominada de estruturalismo genético ou construtivista, que deixou como marca na história contemporânea das ciências sociais. Foi

então que a noção de *habitus* surgiu em sua sociologia e evoluiu ao ponto de se tornar um instrumento epistêmico. É em sintonia com esta perspectiva, aberta e sintetizada nesta noção, que se darão tanto as tomadas de posições de Bourdieu no campo científico francês quanto sua prática de pesquisa. Foi a partir das suas pesquisas argelinas que fez evoluir um senso prático, que se amplia no percurso de investigação, uso e reelaboração teórica que governa a prática da pesquisa. A nossa contribuição será recuperar aspectos marcantes da trajetória de Bourdieu que lhe permitiram incorporar peculiares disposições para a prática de pesquisa social. Tal prática recorreu e fez uso estratégico dos mais diversos recursos metodológicos então disponíveis (inclusive mesclando-os com originalidade) em função de cada um dos objetos de pesquisa que construiu e abraçou. A partir disso, pergunta-se: o que nos seria possível pensar, com a noção de *habitus*, acerca da politização (de pólis) do ofício científico hoje?

Pedro Lincoln C. L. de Mattos – Ph.D. em Administração pela London School of Economics and Political Science; Formação básica e pós-doutorado em Filosofia; Professor Titular da UFPE (aposentado).

Quando Thomas Kuhn, um físico, veio trabalhar com sociólogos e psicólogos no Tavistock Institute para estudar a história da ciência na segunda metade dos anos 1950, espantou-se com a intensidade das discussões centradas na questão metodológica. Posta a ideia da pesquisa, primeiro pensou-se no método. Por que o método ocupa tanto das nossas atenções, ainda hoje, aqui na comunidade científica de Estudos Organizacionais? (E isso importa porque a instrumentalização do método pode ter muito a ver com a “industrialização” da pesquisa.) Seria um atavismo compensatório de nossa entrada póstuma na corte da ciência moderna, firmada por seu método já no Século XIX? É preciso entender todo o alcance epistemológico do método empírico, magicamente capaz de nos dar acesso privilegiado e neutro ao mundo “como ele é” para aquilatar a força que, sob aquele aspecto, tem o conceito de *habitus* científico – uma categoria sociológica, uma disposição para ação social, não uma chave lógica de trabalho. Saído de um berço estruturalista clássico, Bourdieu foi um pesquisador cuidadoso, inclusive no uso de instrumentos formais, mas estudou o que os “precedia” na ordem das estruturas da ação humana e enraizou as decisões metodológicas nas crenças teóricas do pesquisador e em sua situação social concreta. Isso tem dupla consequência: primeiro, liberta



o método, linguagem criativa, subvertendo um paradigma epistemológico; segundo, devolve à pesquisa social sua relação direta com responsabilidade política.

Samir Adamoglu de Oliveira – Doutor e Mestre em Administração pela UFPR; Pesquisador Associado do IBEPES; Professor Assistente do PMDA/UP.

Do "*habitus* linguístico" e seu papel na prática da pesquisa científica: Importa discutir, ainda, de que maneira os usos da linguagem por parte de comunidades de pesquisadores é componente fundamental da própria constituição delineadora do que se aceita por metodologia científica. Se o ato de praticar uma língua – no caso do domínio científico, um 'idioma' cada vez mais instrumentalizado – também depende da posição do seu praticante de modo a conseguir produzir efeitos institucionais, então, os mecanismos sociais e políticos de legitimação e dominação – não apenas acerca daquilo que se pode (ou deve-se) enunciar, mas, principalmente, dos modos de enunciar-lo – configuram-se como um aspecto crucial dessa primordialidade do *habitus* ante o método, ao qual esta mesa-redonda se destina a focar. Dessa maneira, o conceito de *habitus* linguístico oferecido por Bourdieu fornece uma condição ampliada para a discussão acerca da cientificidade e da validade epistemo-metodológica demandadas na prática da pesquisa, ao passo que confere maior saliência ao papel e à importância do ato de se praticar uma linguagem – bem como à importância da compreensão sobre os jogos de linguagem da Ciência em seus domínios, disciplinas, cisões e terrenos tensionados – nesta tessitura constitutiva das relações sociais desse campo.

Amon Narciso de Barros – Doutor em Administração pelo CEPEAD da UFMG, com estágio doutoral na Lancaster University Management School; Professor Assistente na EAESP da FGV. Esta participação consiste na abertura, moderação e fechamento da discussão, com avaliação sobre o debate promovido na mesa da perspectiva da SBEO.

Antropologia e Etnografia nos Estudos Organizacionais

Sala Marcelo Milano Falcão Vieira
Quinta-feira, 20/10, das 10h50 às 12h30

Os Estudos Organizacionais são, tradicionalmente, um campo de natureza interdisciplinar. Dentre as diversas áreas do conhecimento que já contribuíram e seguem oferecendo possibilidades para as pesquisas no referido campo, encontra-se a Antropologia. Há diferenças significativas em diferentes âmbitos entre as duas ciências, o que enseja questionamentos e dúvidas na importação de conceitos e técnicas (CAVEDON, 2003). Assim sendo, na intenção de compreender o outro em contextos organizacionais, a preocupação com a responsabilidade e o comprometimento com as bases epistemológicas do campo científico de origem são tão importantes quanto a devida contextualização das concepções e práticas trazidas. As articulações construídas entre esses campos do conhecimento, como se pode ver, dão-se em termos teóricos, epistemológicos e metodológicos. Talvez um dos mais notáveis aportes nesse sentido tenha sido a etnografia. Ao construir um trabalho etnográfico, o pesquisador preocupa-se em viver o cotidiano da cultura a ser pesquisada, objetivando aguçar os sentidos durante o desenvolvimento da pesquisa e estabelecer relações afetivas com seus pesquisados (CAVEDON, 2014). Em uma abordagem essencialmente relacional, a etnografia supõe investimento, paciência e continuidade (MAGNANI, 2009) e busca evidenciar com profundidade as dinâmicas simbólicas estudadas enquanto teias de significado a serem apreendidas, revelando a singularidade do objeto de estudo frente a outros fenômenos culturais (GEERTZ, 1989). Tendo em vista o contexto apresentado, esta mesa se propõe a fazer uma reflexão acerca das contribuições e limitações dos aportes da Antropologia e da Etnografia aos Estudos Organizacionais, considerando o amadurecimento das pesquisas na área, bem como as possibilidades de ampliar o diálogo interdisciplinar da área com outros campos de conhecimento. São, portanto, temas de interesse de debate:

- 1) O balanço do histórico e o *status* atual da pesquisa etnográfica praticada no campo dos EOs no Brasil, com a reflexão crítica sobre as possibilidades e limitações da difusão desse método no âmbito da pesquisa em administração, de modo amplo.

- 2) As restrições que a prática acadêmica no campo da administração impõe à pesquisa etnográfica e que dizem respeito à formação do pesquisador-etnógrafo, ao seu tempo de permanência em campo e à legitimidade de suas análises.
- 3) As possibilidades de adequação ou de ruptura crítica da produção acadêmica derivada da pesquisa etnográfica aos veículos de publicação científica do campo da administração no que diz respeito ao formato de artigos, à pessoa do texto, ao alcance e às possibilidades de generalizações das conclusões.
- 4) As contribuições que a etnografia tem a deixar para a pesquisa em administração e os possíveis caminhos para essa abordagem de pesquisa.

Referências:

CAVEDON, N. R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____. Método etnográfico: da etnografia clássica às pesquisas contemporâneas. In: SOUZA, E. M. **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

Debatedoras e suas contribuições:

Leticia Dias Fantinel (Mediadora) – Doutora em Administração pela UFBA; Professora Adjunta do PPGAdm da UFES.

A professora trará um enfoque voltado às espacialidades organizacionais na etnografia a partir de experiência de pesquisa realizada em espaços de sociabilidade, mapeando espaços simbólicos da cidade de Vitória.



Josiane Silva de Oliveira – Doutora em Administração pela UFRGS; Professora Adjunta do Departamento de Administração da UEM; professora do PPGADM da UFG.

A professora atua com pesquisas no campo das artes e da cultura no Estado de Goiás, discutindo práticas organizativas e direitos. Apresentará discussões sobre as possibilidades de aproximação entre os Estudos Organizacionais, especificamente dos Estudos Baseados em Práticas (EBP), e o Direito por meio da Antropologia.

Carolina Dalla Chiesa – Bacharela e Mestra em Administração pela UFRGS, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS.

A mestranda buscará contribuir por meio das discussões oriundas de sua pesquisa no campo da Antropologia Econômica e suas possíveis aproximações com os Estudos Organizacionais.

Maria Tereza Flores Pereira – Doutora em Administração pela UFRGS; Professora Adjunta da Escola de Administração da UFRGS.

A professora tratará sobre as possíveis contribuições da disciplina Antropologia do Corpo e dos estudos de *embodiment* para o campo da Administração, assim como para o desenvolvimento da prática etnográfica.

Marina Dantas de Figueiredo – Doutora e Mestre em Administração PPGA da Escola de Administração da UFRGS; Professora do PPGA da UNIFOR.

Além de praticar a pesquisa etnográfica desde 2007, a professora tem se dedicado recentemente a uma agenda de pesquisa sobre as etnografias publicadas no campo da administração no Brasil e no exterior. Com base em levantamentos bibliométricos atuais, a pesquisadora buscará apresentar o panorama das publicações que utilizam esse tipo de metodologia. A partir de sua experiência como pesquisadora-etnógrafa, ela também contextualizará as dificuldades e possibilidades que o uso do método tem a trazer para os pesquisadores no campo em questão.